

PREVALÊNCIA DE DOR NAS PERNAS EM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

PALOMA SOUSA LORENZATO¹; MARIANA DIAS ALMEIDA²; LAÍNE BERTINETTI ALDRIGUI²; SONIA REGINA DA COSTA LAPISCHIES² VANDA MARIA DA ROSA JARDIM³

¹ Universidade Federal de Pelotas- palomalorenzatopel22@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas- almeidamarianadias@gmail.com;

lainea.bertinettialdrigui90@gmail.com; Sonia_lapisx@hotmail.com;

³ Universidade Federal de Pelotas- vandamrjardim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Instituída e regulamentada pela Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), a Estratégia em Saúde da Família (ESF) objetiva principalmente ampliar a oferta de atenção em saúde. O trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) é de grande importância nesse processo podem identificar riscos, bem como, atuar no acompanhamento de famílias visando a prevenção e promoção da saúde através de suas visitas domiciliares (BRASIL, 2012).

Em seu cotidiano os ACS enfrentam grandes desafios como o aumento de responsabilidades, repetição de tarefas, burocratização e hierarquização das relações de trabalho, falta de limites entre sua moradia e seu local de trabalho e condições salariais inadequadas. Esses fatores podem contribuir para o surgimento de sobrecargas físicas e psicossociais (MASCARENHAS, PRADO e FERNANDES, 2012).

Reconhecendo a importância destes trabalhadores para os serviços de saúde e comunidade em que atuam e tendo em vista sua exposição ao desempenharem suas atividades este trabalho visa identificar a prevalência de dor nas pernas referidas por ACS atuantes no sul do Rio Grande do Sul e os fatores relacionados.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um recorte de uma pesquisa de delineamento transversal, intitulada “Processo de trabalho e seus impactos na condição de saúde de agentes comunitários de saúde na região sul do Rio Grande do Sul” que obteve aprovação do Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, sob parecer nº 51684015.1.0000.5316. A coleta de dados do estudo foi realizada entre os meses de março a abril de 2017, com 599 agentes comunitários de saúde pertencentes a 21 municípios que integram a 21ª

Região de saúde do Estado do Rio Grande do Sul. Todos os entrevistados que consentiram em participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A construção do banco de dados se deu no software Microsoft Office Excel 2007 e as análises foram conduzidas com o pacote estatístico Stata 11.1. O desfecho deste recorte considerou a seguinte questão “Você tem dor nas pernas? Sim ou não. variáveis independentes selecionadas incluíram dados sócios demográficos (sexo, cor), sócio econômico (escolaridade), região da UBS, tempo de trabalho, outro trabalho, problemas no trabalho, procura pelo ACS no período de férias, condições de trabalho, consulta e falta ao trabalho nos últimos seis meses e satisfação no trabalho. Foi realizada análise bivariada entre o desfecho de interesse e cada variável independente sendo adotado como valor significativo p-valor menor que 0,05.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 01 – Prevalência de dores nas pernas em agentes comunitários de saúde.

Variáveis independentes	599 ACS%	P-valor
Sexo		0.039
Masculino	75(21.3%)	
Feminino	524 (33.2%)	
Cor		0.894
Branco	450 (32,2%)	
Preto	95 (30,5%)	
Pardo	54 (29,6%)	
Escolaridade		0.214
Ensino fundamental completo/incompleto	39 (35,9%)	
Ensino médio completo/incompleto	271 (32,1%)	
Curso técnico completo/incompleto	88(34,1%)	
Ensino superior completo/incompleto	184 (35,5%)	
Pós graduação completo/incompleto	17(5,8%)	
Região da UBS		0.130
Urbana	442 (33.5%)	
Rural	156 (27%)	
Tempo de trabalho		0.041
1- 30 meses	158 (24,7%)	
31- 56 meses	138 (28,3%)	
57- 95 meses	179 (34,6%)	
96- 331 meses	114 (39,5%)	
Possuir outro trabalho		0.161
Não	531 (32,8%)	
Sim	66(24,2%)	
Problemas no trabalho		0.000
Não	421 (25,4%)	

Sim	174 (46,5%)	
Procura pelo ACS no período de férias		0.002
Não	86 (18,6%)	
Sim	480 (35,8%)	
Condições de trabalho		0.000
Melhoraram muito	76 (23,7%)	
Pioraram	122 (50%)	
Não mudaram	169 (27,2%)	
Melhoraram pouco	227 (28,2%)	
Faltanços últimos seis meses		0.005
Não	647 (27,3%)	
Sim	248 (38,1%)	
Consulta nos últimos seis meses		0.280
Não	129 (27,9%)	
Sim	468 (32,9%)	
Satisfação com o trabalho		0.003
Muito Insatisfeito	32 (37,5%)	
Insatisfeito	84 (42,9%)	
Indiferente	55 (41,8%)	
Satisfeito	372 (30,1%)	
Muito Satisfeito	52 (13,46%)	
Prática de atividade física		0.000
Não	334 (38,3%)	
Sim	258 (24%)	

Fonte: ACS, 2017

*Foram realizados ajustes em decorrência de não respondentes.

Após as análises pode-se observar que entre os 599 agentes comunitários que participaram do estudo há uma maior prevalência de queixas de dores nas pernas pelos do sexo feminino (33,2%) e os trabalhadores que atuam há mais tempo na profissão (39,5%). Outras variáveis apresentam diferença significativa do ponto de vista estatístico do número de ACS que referiram dores nas pernas em relação falta nos últimos seis meses ($p=0.005$); satisfação com o trabalho ($p=0.003$); problemas com o trabalho ($p=0.000$), condições de trabalho ($p=0.000$) e procura pelo ACS em período de férias ($p=0.002$).

O processo de trabalho dos ACS se dá muitas vezes em locais insalubres, onde percorrem longas distâncias em condições climáticas adversas além de estarem expostos a perigos como violência. Frequentemente se expõem a inúmeras condições inadequadas no trabalho que podem acarretar em agravos para sua saúde ou doenças (ALMEIDA, BATISTA E SILVA, 2012).

Os resultados encontrados evidenciam o quanto o ambiente e as condições de trabalho impactam e altera a saúde física do trabalhador, o que apontam que as condições físicas e psíquicas são indissociáveis e não deve ser individualizada

na atenção a saúde do trabalhador. Além disso, mostra que alternativas de cuidado de si como prática de atividade física impacta na saúde-doença e deve ser estimulada também dentro dos espaços de trabalho e junto à comunidade.

4. CONCLUSÕES

Este estudo possibilitou evidenciar alguns fatores associados a dores nas pernas referidas por ACS e a necessidade de que haja uma revisão nesses fatores a fim de que se possa minimizá-los visando uma redução nestes agravos físicos para a saúde destes trabalhadores.

Tendo em vista todos os fatores evidenciados e sendo estes profissionais atuantes na prevenção e promoção de saúde seria de grande importância identificar e utilizar ferramentas que favorecessem a prevenção destes agravos, desde ações voltadas a inclusão efetiva deste na equipe de saúde buscando uma maior satisfação profissional até uma revisão em distâncias percorridas e momentos de pausas para descanso quando essas forem muito longas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. C. S.; BAPTISTA, P.C.P.; SILVA, A. Cargas de trabalho e processo de desgaste em Agentes Comunitários de Saúde. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, V. 50, p. 93-100, 2016. Disponível em:<https://www.google.com/search?q=aggravos+f%C3%ADsicos+na+saude+de+agentes+comunit%C3%A1rios+de+sa%C3%BAde&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b#> Acesso em 22 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília, 2012, 110p. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf> Acesso em: 22 ago. 2018.

MASCARENHAS, C. H. M.; PRADO, F. O.; FERNANDES, M.H. Dor musculoesquelética e qualidade de vida em agentes comunitários de saúde.. **Revista salud Pública**, local, v.14, n.4, p.668-680, 2012. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/rsap/2012.v14n4/668-680/>>. Acesso em: 22ago. 2018.